

O Ganganelli

Assignaturas

Trimestre . . . 2\$500
Semestre . . . 4\$000
Anno . . . 7\$000

ORGAN REPUBLICANO

Assignaturas

Trimestre . . . 2\$500
Semestre . . . 4\$000
Anno . . . 7\$000

FOLHA SCIENTIFICA, LITTERARIA, CRITICA E NOTICIOSA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

TRABALHAR PARA APRENDER; APRENDER PARA SERVIR A PATRIA

"EXTINCTIS DIIS, DEOQUE, SUCCESSIT HUMANITAS"

REDACTORES---RIVADAVIA CORRÊA, HORACIO DE CARVALHO

O GANGANELLI



Cartão de visita

Após algum tempo de suspenso vai hoje encetar a sua segunda serie *O Ganganelli*, nome escolhido em homenagem a Saldanha Marinho como o primeiro combatente do livre pensamento na patria brasileira.

Começando a segunda serie, mantem *O Ganganelli* o mesmo programma : trabalhar pela Republica e propagar verdades scientificas ainda que firm os mais radicados preconceitos.

E é isso o que tem feito *O Ganganelli*. Temos orgulho de dizer que em sua primeira serie bellos artigos apresentou sobre religião, sobre sciencias e sobre politica, artigos que encontraram adhesão em muitos jornaes que os transcreveram.

Não nos afastaremos uma só linha do nosso programma. Quem acceta o dogma, quem venera a monarchia, quem alimenta o preconceito, esse, que não nos leia.

Isto não é simplesmente destruir : é substituir a duvidosa sombra do passado pela claridade nitida do futuro ; é, bem ou mal, insuflar no espirito dos que nos lêem o impulso para a concepção moderna das cousas, hoje que a sciencia sujeita tudo que existe á sua direcção, constituindo, na phrase do maior philosopho inglez, a verdadeira religião do futuro.

Não podiamos no emtanto fechar estas linhas do nosso segundo *Cartão de visita* sem mencionar o nome F. L. Falcão Junior, ex-redactor desta folha, o companheiro assiduo, o estrenuo contendor das nossas fileiras, ausente no Rio-Grande do Sul, onde, formado, abriu sua banca de advogado.

Mencionaremos tambem os nomes de Nelson Tobias, João Pinheiro, Livio de Castro, Enéas Galvão, Eduardo Chaves, Paula Novaes, Alvaro Chaves, Romaguêra Corrêa e muitos outros, todos distinctos e constantes colaboradores que honraram *O Ganganelli* em suas secções politicas, litterarias ou scientificas e aos quaes renovamos nossos convites.

Assim, pois, ali está *O Ganganelli* que cremos merecer a attenção do publico, pois que inquestionavelmente dos jornaes de moços não é um dos piores.

Contra a monarchia

Emquanto os partidos monarchicos inutilizam-se, esphacelam-se em continuas luctas pessoas, procurando cada um mais atemorizar ou agradar a corôa, conforme se acham ou não em suas boas graças, o nascente partido republicano se avoluma, estendendo-se por todos os ambitos do Brazil. Até bem pouco tempo, esquecidas as gloriosas tradições republicanas, esta phalange esforcada só fazia sentir a sua vitalidade na provincia de S. Paulo, que foi a primeira que depois do interregno de calmaria, levantou a bandeira da Republica, chamando as suas irmans ao postos de combate, apontando pela necessidade urgente de suster os acontecimentos que enfraquecendo um povo, iriam leval-o, tão joven ainda, a um completo anniquillamento e talvez trouxessem o desmembramento de uma raça.

Talvez que os republicanos paulistas, que foram os primeiros a abraçar o manifesto de 3 de Dezembro de 1870, maior padrão de glória do velho chefe Saldanha Marinho, talvez que os descendentes de Raphael Tobias não esperassem que o seu exemplo fosse tão galhardamente seguido. Muito tempo, mesmo depois do movimento em S. Paulo e na Córte, foi o partido republicano considerado como um menino caprichoso que se faz callar, dando-lhe alguma cousa para seu entretenimento, os servidores da monarchia não se inquietavam ou faziam não se incommodar com o apparecimento dos sustentadores da democracia que surgiam aqui e alli mais ou menos arregimentados. Hoje, porém, o caso já mudou de figura, e o que outrora servia de joguete e divertimento ao monarcha e seus sectarios, actualmente apresenta-se formidavel, ameaçando as instituições mesmo no centro onde a corrupção mais facilmente poderia ser levada, mesmo na sede do governo. Os desmandos, a ineptia do systema monarchico bragantino tem se feito sentir tão ao vivo que os mais indifferentes não podem conservar-se silenciosos approvando com o mutismo o que a justiça e o juizo imparcial e frio da historia ha de qualificar de asphyxia dos sentimentos de um povo.

E' em vista dos factos, dos desmantelos das facções monarchicas que os sentimentos, democraticos vão irropendo em todo o Brazil.

Em quasi todas as provincias existe um partido republicano disciplinado, unido, dirigido com criterio e habilidade, que pleiteia nos comicios populares, alcançando muitas vezes assignaladas e expressivas victorias. Na provincia de S. Paulo a pujança do partido é tal que obriga os defensores do throno a colligarem-se, para que vozes republicanas não se façam ouvir no parlamento, falando ao povo a linguagem da verdade e do direito, o que poria mais facilmente em perigo os esteios do monarchismo.

No Rio-Grande do Sul, Rio de Janeiro, Córte, Paraná, Minas Geraes, Matto-Grosso e Goyaz o partido republicano apresenta-se com robustez, dando combate aos grupos adversos, já nas eleições populares, já na imprensa que mantem com altivez e energia. Agora é das provincias do norte que chegam as noticias da formação do partido da Republica. No Pará e em Pernambuco a

idéa achou propugnadores que a levantaram, e levaram-na ao combate medindo desde já as suas forças com as contrarias. Não é, pois, só no sul do Brazil que os patriotas, convictos da inefficacia do actual regimen, se congregam em torno da bandeira democratica ; nas regiões septentrionaes tambem elles se reúnem, impellidos pela força da convicção, gerada no estudo dos factos e dos principios.

O brado levantado pelos illustres filhos do Pará e Pernambuco pode ser considerado como inicio de uma nova elaboração politica em todo o norte do paiz.

Que os homens sinceros e honrados continuem no seu empenho generoso e nobre, e em breve os republicanos poderão conseguir completa victoria de seus principios.

RIVADAVIA CORRÊA.

Um anno depois

Cumpre-se neste mez justamente um anno que, cansado de errar e esphacelado pelos discordias intestinas, o partido liberal foi devolvido ao ostracismo. Elle escolheu para motivo do ultimo encontro *comsigo mesmo* a malsinada questão servil. Peitaram-se os conservadores para columna de reforço contra o grupo de liberaes menos atrasados e com esses elementos e por esse movel feriu-se a lucta, em guerrilhas intermittentes. O partido liberal cahiu exanime e humilhado, como era previsto, colhendo o incidioso aliado conservador a palma triumphal!

Quem conhece a historia dos partidos politicos brasileiros não tem o espirito desprevenido para comprehender este facto.

Os liberaes foram restituídos ao ostracismo, ha um anno exacto, onde amargamirrosos o seu desastre.

Mas os liberaes haviam contrahido com a nação grandes e indeclinaveis compromissos. Elles lhe prometteram reformas radicaes em toda sua legislação. Tudo, no seu conceito, estava podre. Os adversarios representavam uma confederação de ventres. A banca-rota vinha lampeira. A liberdade era falsa. O povo embrutecia e ganhava o habito de desrespeitar a lei. Cezar em concubinato com a igreja mirravam a consciencia publica, emmagreciam a arca do thesouro, sugando sitibundos a agua em que ella mal vogava e deixando-a resequida na aridez do pauperismo. Tudo era horroroso, negro. Os conservadores estavam convertidos em instrumentos de destruição da Patria.

Os liberaes prometteram limpar a nação dessas miserias, « porque tinham idéas e porque tinham homens para executal-as. »

A nação entregou-se aos liberaes, como se cai nos braços dum salvador potente e generoso. Elles estadiaram-se no poder por quasi oito annos e nada cumpriram do promettido. Além disto ser incontestavel, os seus parciaes mais atiradiços o têm proclamado. Pois bem, agora que completa-se um anno que elles estão de baixo, tempo bastante para que tenham pensado as suas feridas e meditado no papel triste que representavam aos olhos do povo, agora a nação lhes deve inquirir as causas por que foram

tão estreis no poder e a razão por que se têm conservado tão mudos depois da queda.

Tão mudos! Sim, porque a tentativa de reorganização sob a bandeira da *federação monarchica*, além de ser scientificamente ridicula, extinguiu-se com os ultimos echos da palavra do seu portador; a investida dum commendador Malvino certamente foi um aborto, porque della nunca mais se ouviu falar; a ultima é a recente do sr. José Mariano, em Pernambuco, onde se *prometteu conservar as nossas instituições*.

E' preciso que o partido liberal diga por que razão consagrou-se á rusga e á esterilidade no poder e si pretende e como reconquistar o posto de que foi apeado.

Emquanto elle medita, cumpre aos republicanos declarem a nação: os liberaes nada fizeram porque não têm nem podem ter idéas concretisaveis. Elles não apresentam um programma novo para reorganizar-se segundo os principios nelle firmados, porque não têm principios sinão os que já têm sido recusados tantas vezes por falta de praticabilidade. Os liberaes são *monarchicos* e programma de liberal monarchico tem analogias com aquelles grandes rios da Australia, de que fala Littré, que nascendo num charco, correm para o coração dum deserto e á medida que nelle vão penetrando o areal lhes vai bebendo a liquida corrente até que esmorecem e extinguem-se num outro charco. Assim é um programma de liberal monarchico:—rebenta num pantano da monarchia e suspende a sua acção dentro doutro pantano da mesma monarchia. Mas, dir-me-ão, os liberaes tem tão ricas promessas... Eu responderei:—os rios também tem as suas margens encrespadas de verde e ridente vegetação e no seu leito rola a agua crystalina e doce...

E a prova de que os liberaes não tomam caminho certo nós estamos vendo no actual momento, na camara temporaria e no senado. Elles estão se combatendo uns aos outros. O sr. Lourenço de Albuquerque, respondendo ao sr. C. de Oliveira, disse:—«Porque ha de o Brazil se fazer representar no anniversario da revolução de 1789?... Eu sou *liberal*, mas entendo que nada devemos á revolução franceza. Ella innoculou na sociedade o virus revolucionario... Nunca vi povo christão imitar tão servilmente o paganismo... Com essa revolução os povos nada ganharam.» Não se póde subir tanto na escala da ignorancia historica. E' desconsoladora a coexistencia dum homem tão tardo com o seculo XIX!

Pois bem o que cumpre á nação fazer nestas conjuncturas é levantar a fórma republicana unica que se coaduna com as reformas de que ella necessita. A idéa republicana já atravessou todas as corporações electivas e com tal ruido que toda a gente ronqueira já treme de susto. Até o sr. Lima Duarte, que não é muito ridente, já disse horrorisado, no senado: «...A idéa da republica vai se convertendo em realidade; e eu temo que, pelo estado de desmoralização a que chegaram as instituições, a idéa tome vulto em todo imperio pela descrença que vai invadindo a tudo e a todos.» E o mais interessante é que neste ponto o sr. Silveira Martins, outro monarchico, apartou: «Essa fórma tem a grande vantagem de dar juizo aos que governam.»

A monarchia está morta, desconjunctada, moralmente dissolvida; emquanto que a Republica vem avançando precipite e alta-neira. A nenhum patriota compete resistir á Republica. A velha arvore da monarchia está amarellecida, esgalhada, corroida, porque não tem mais raizes na consciencia publica; emquanto que cada vez mais nella se internam e se espalham as da nova, vice-jante e bella arvore da Republica.

BARTHOLOMEU BRAZIL.

Psychologia politica

I

Procurando estudar a sociedade, os publicistas têm tomado para assumpto de suas locubrações classes diversas em que se acha dividida a humanidade.

E' assim que os criminalistas occupam-se dos delinquentes, e os economistas tratam dos industriaes, principalmente.

Só modernamente é que os sociologistas iniciaram o estudo da sociedade no seu con-

juncto. Não tendo encontrado bastante materiaes accumulados em systemas, ensaiam os seus primeiros tentameus, não podendo ainda harmonisar as diversas theorias sustentadas pela rivalidade das escolas.

Os sociologistas comprehendem que os publicistas anteriores occupavam-se dum povo excepcional, e que uma classe pouco natural, depravada mesmo, não constituia o povo e que era preciso consideralo no seu todo e em todas as suas manifestações.

Para fazer-se esse estudo, em relação á sociedade brasileira, é necessario recorreremos ao seu passado, analysarmos o seu presente, e fazermos o seu confronto com os outros povos, para dahi tirarmos os ensinamentos que a experiencia nos houver dado.

O nosso passado quer como colonia, quer como nação independente, nada de edificante nos offerece. Como colonia, debaixo do regimen absoluto, a metropole nos acabrunhava com o peso dos tributos que sugavam toda a seiva da nossa vitalidade. Embrutecidos pela educação jesuitica que nos dava; não podendo gosar dos progressos que a humanidade a custo ia obtendo; verdadeiros escravos de Portugal, não tinhamos estimulo nem coragem para reagir contra a oppressão suffocante que soffriamos. Veiu o grito revolucionario repercutir em nossas plagas, e atear o fogo dos sentimentos patrioticos, dando como resultado a expiação no cadafalso do primeiro martyr brasileiro.

Esse acontecimento pode-se considerar como o ponto de partida dos demais movimentos que deram como consequencia a nossa independencia politica. Partindo dahi pouca differença obtivemos do antigo regimen. A nossa alforria não foi completa, como pode-se verificar pela carta outorgada por Pedro I. Permanecemos, portanto, no *status liber*.

O nosso presente deduz-se logicamente das instituições que nos regem. Ficção de governo representativo, é de facto o governo absoluto que temos. Sob apparencia de divisão de poderes, possuímos a *gazúa* de todos os poderes. O chefe do Estado procede arbitrariamente em todas as funções publicas. O poder executivo é por elle nomeado e demittido livremente. A camara dos deputados é dissolvida descrecionariamente. Nomea senadores; suspende magistrados; perdoa condemnados por setença, NÃO ESTÁ SUJEITO A RESPONSABILIDADE ALGUMA; emfim, na posoa do monarcha, acha-se todo o nosso mecanismo politico. O rei reina, governa e administra. Eis, em synthese, ao que estamos redusidos.

Agora, si confrontarmos a nossa scena politica com o cortejo das nações que nos cercam, veremos que desse paralelo não podemos sahir satisfeitos. De um lado encontramos instituições livres, democraticas, de harmonia com o progresso incessante da humanidade; do outro lado deparamos com instituições caducas, impopulares e em desacordo com as aspirações da moderna sociedade.

La, uma corrente continua do progresso, uma fraternidade em todas as camadas sociaes; aqui, uma paralyisa, um mau estar, uma incerteza em todos os espiritos que cogitam no futuro da patria.

As republicas desenrolam perante o mundo civilisado um painel admiravel, colorido com as côres mais vivas e alegres, encantando a todo observador attento; o imperio patentea á todos um verdadeiro ensaio de um dramalhão-politico, que nenhuma de suas irmans, na America, quizera representar.

SERRA NETTO

Anarchia mental

O defeito geral dos nossos dias, que um escriptor allemão qualificou de *devoradores de livros*, é a anarchia que reina no fornecimento da instrução, adquirida tumultuariamente, sem ordem, sem methodo.

Bebem-se a longos sorvos, soffregamente, conhecimentos incompletos, aqui e alli, comprehendendo-se, digerindo-se e assimilando-se mal.

As leituras são rapidas e mal feitas, em virtude dessa curiosidade insaciavel, que é, por assim dizer, uma das variadissimas fórmas da *nevrose* moderna que affecta geralmente os espiritos.

E' verdade que, dessa maneira, adquire-se quantidade enorme de conhecimentos, conhecimentos de algibeira, bebidos em jornaes, em romances á Julio Verne e á Dumas. em livros do povo, em fasciculos e encyclopedias, que invadem as livrarias e são, mais ou menos, devorados com prejuizo manifesto para a mentalidade do leitor.

Mas, de que serve um montão de conhecimentos que se accumulam sem criterio, sem regra, sem methodo, sem nexo, constituindo uma illustração mediocre, que antes inhabilita do que prepara o espirito para qualquer emprehendimento serio-litterario ou scientifico?

Dá-se o que Stuart Mill judiciosamente notou (1) o individuo que os possui não pode, quando quizer, servir-se delles convenientemente, com precisão, claresa e methodo.

—E, até hoje, o que tem produzido essa nova maneira de aprendizagem e de saber modernos? Si, como é facil de notar encontram-se, a cada passo, rapazelhos—poços de illustração, devido ao tal methodo de aprender, já se torna raro, e muito naturalmente, encontrar-se um espirito bem preparado e capaz de emprehender e executar obras de folego e importantes, nos vastissimos dominios das artes, sciencias e philosophia. (2)

Não são somente os jornaes, os livros do povo, os romances historicos á Dumas e scientificos á Julio Verne (3), quem mais têm contribuido para essa anarchia que se observa especialmente na sociedade brasileira; são, sobretudo, os collegios, os lyceus, as Academias, os estabelecimentos de instrução, emfim, servidos todos elles por um professorado pouco habilitado e sujeito á odiosa e funesta intervenção da politica.

Não é superfluo dar para exemplo, aqui em S. Paulo, a Academia de Direito, cujo curso, mal organizado, requer, mais do que nenhum outro, uma exposição regular e constante sob o mesmo methodo e com o criterio, elaborados por uma philosophia scientifica, san e fecunda.

E, entretanto, é professado por lentos que seguem, cada um, a sua theoria e a sua philosophia, cada qual mais contradictoria, cada qual mais disparatada (4), desde o theologismo anachronicamente intransigente, passando pela metaphysica com toda a sua variedade enorme de systemas, até o positivismo timorato e encoberto.

Não ha uniformidade de idéas, não ha egualdade de vistas, não ha accordo de opiniões; o ensino é prejudicado e o discipulo é quem vem a soffrer.

Frisante exemplo dessa anarchia mental é ainda a Escola Normal onde têm assento as tres figadaes inimigas, as tres philosophias—o positivismo orthodoxo, a metaphysica e o Syllabus,—fazendo propaganda cada um, pelo seu lado; sendo de notar a exagerada e até prejudicial propaganda do positivismo religioso que, como se sabe, ergueu tendas de combate na Escola Normal.

Que de lá saiam professores perfeitamente preparados não affirmo; mas, posso assegurar que tal ensino é mais proprio para preparar pedantes do que para habilitar professores serios.

(1) Mes Memoires pag. 215.

(2) Para frizar a inaptidão e incapacidade mentaes de todo o espirito mal preparado, não é fóra de proposito citarmos o nosso Imperador, aborto de illustração, sabendo tudo desordenada e desefreadamente. Dizem que elle tem uma memoria admiravel e possui prodigiosa quantidade de conhecimentos d'algibeira. Pois bem! Já se viu na pessoa de um governante mais contradicções? Tem alguém, em sua posição, commettido mais fiascos? E, apesar de todo o seu saber, ter-se-á visto em qualquer ramo de conhecimentos humanos, nullidade mais notoria, illustre mais desconhecido?

(3) Os romances de Julio Verne, de merito litterario nullo e de acção verdadeiramente prejudicial sobre o espirito do leitor que os lê, sem proveito nem vantagem, são os que mais têm anarchisado a mentalidade do povo.

(4) Um especimen curioso dessa anarchia vemos na cadeia de Direito Natural cujo professor é—catholico com o Syllabus, escolastico com S. Thomaz e Santo Agostinho, ecectico com Cousin, racionalista com Tiberghien, chegando até a achar acceptaveis algumas idéas da moral positivista!

E essa anarchia mental, produzida e alimentada por uma instrução mal ministrada e peor servida, e pela aquisição desordenada de conhecimentos hauridos em leituras desenfreadas, reflecte-se gravemente no caracter do individuo.

Não ha firmeza de convicções, não ha seriedade de sentimentos, não ha coherencia de proceder. Encontram-se positivistas conservadores, idealistas monarchicos e, como o sr. Felício dos Santos, vê-se um individuo conseguir ser ao mesmo tempo—positivista, catholico, republicano, servidor da monarchia, eseravocrata e quejandas! (5)

Os exemplos de versatilidade de caracter e de desmoralisação geral abundam. As apostasias e deserções politicas amiudam-se em qualquer dos partidos politicos. São exemplos contagiosos e significativos os Laffayettes, os M. Machado, os S. Brandão, os Celsos Junior, os Theophilo Dias e tantos outros. (6)

E essa anarchia moral é o reflexo da anarchia mental proveniente da falta de unidade intellectual, da ausencia de um criterio justo e elevado, fornecido por uma san instrução profissional (7) e elaborado por um systema seguro de concepções scientificas, como nol-o offerece o positivismo escorreito de Littré e Roberty, ampliado pelas fecundas conquistas do Darwinismo.

FRANCISCO DE ESCOBAR.

(5) Q. Bocayuva, na Côte, e o dr. Miranda de Azevedo, em S. Paulo, em conferencias publicas, denunciaram ao sr. Ferreira Vianna, o catholico extremado e o representante do partido da *ordem*, como um republicano perfeito!

(6) *Republicanos que nasceram para lacaios*—como diz A. Comte em uma carta a Stuart Mill.

(7) Sobre—instrução profissional—disser-tou magistralmente o dr. Miranda Azevedo, candidato republicano do 1º districto, em sua segunda conferencia.

Pela Republica

Cada dia que se passa mais uma victoria conta a idéa republicana nas innumeradas adhesões que encontra.

A muitos, que observam sem o criterio historico, parecerá lenta a evolução democratica do paiz: é que comparam uma nação em sua infancia com outras nações em plena virilidade, com antigos estados sobre que os seculos derramaram directamente o peso de suas coleras, revoluções e miserias.

Deste defeito de comparação nasce o defeito de apreciação, e daí—a desesperança, segundo muitos, de que a Republica não é para nossos netos.

E, como a Republica não é para nossos netos, entra o individuo que assim pensa num periodo de quietismo censuravel e pernicioso, que é um verdadeiro estado de inercia.

Mas, neste terreno, quando quero avaliar a evolução democratica brasileira, si comparo a minha patria com as velhas patrias europeas, desconto a differença da idade, do caracter, de raça, de todas as circumstancias, finalmente, que lhes rodeiam o movimento vital.

E por mais exigente que eu seja, quer pelo egoismo de assistir o advento da Republica, quer pelo altruismo de vêr a patria livre caminhar sem peias pelo futuro em fóra, não posso deixar de admirar a rapidez e segurança com que se ennastra na consciencia do paiz essa grande idéa aceita por todo o mundo que conhece as fórmulas de governo, que sabe raciocinar, que tem mais amor á patria que a si próprio, e que pensa de um modo e não pratica de outro.

Porque o movimento parece celere, rapido mesmo, não se segue que não possa ser mais celere, mais rapido ainda: em favorecel-o, em alargal-o cada vez mais é que está uma das missões do verdadeiro republicano.

O triumpho, portanto, será em muito menos tempo do que espera muita gente, gente tão inútil que deixa de trabalhar só porque *elle não será para os netos!*

Todo o homem intelligente tem restricta obrigação de pôr sua intelligencia a serviço da posteridade, isto é—de acorçoar a evolução de seu tempo por qualquer meio a seu alcance; nisso não faz mais do que pagar ao passado uma divida que contrahiu ao

nascer: o que é e o que sabe deve-o a grande obra de seus avós.

A inercia do homem é um crime perante a natureza, perante essa eterna e adoravel natureza, em que tudo se move, transforma e trabalha, desde o foraminifero microscopico que fez as montanhas do globo até ao movimento da luz, essa intelligencia da criação, desvendando suas proprias maravilhas.

O homem inerte é um ser parasitario do organismo social. E' preciso, pois, optar, ou pelas velhas idéas, que representam a tenacidade do passado em se manter nas transformações actuaes, ou pelas idéas novas, que representam a dinamica mental, o excesso de vida da collectividade humana. Do equilibrio, então, nascerá naturalmente a *cousa como deva ser aceita*, sem a immobilismo do passado, sem a irreflectida precipitação do futuro.

Dados estes termos, que são os extremos de toda a natureza physica e moral do Universo e entre os quaes renasce constantemente o *transformismo* cada vez mais apurado,—a ninguém é permitida a indifferença, principalmente na politica, que concentra os factores mais importantes do desenvolvimento das nações.

Por um dos termos, pois, tem que optar o homem, mas o *homem* digno de tal nome, aquelle que comprehende quaes os seus deveres para com a sua consciencia e para com a sua especie. Ser espectador em taes circumstancias é estar fóra da natureza, e fóra da natureza estão as suas proprias aberrações, as excrecencias anonymas que ella rejeita na prostração dos grandes partos deslumbrantes com que illumina a historia de todas as cousas.

Ser espectador é ser indifferente, é ser inerte. E si a inercia é um crime em taes casos, punido deve ser o criminoso, banido o parasita. Que sobre si pese como sentença o olhar de desprezo dos que trabalham; que outra cousa não merece quem se senta a beira da humanidade que passa, e della vive, roubando-lhe em parte o esforço com que mais avançaria si não fosse esse tropeço.

Tendo de optar por um dos termos, qual delles é o preferivel?

Sustentar o passado é sustentar a monarchia, é sustentar um governo polvo, que em poucas dezenas de annos tem sugado a vitalidade admiravel deste grande paiz em que vimos a luz; é cooperar para a completa ruina ha muito começada; é entrar no suicidio lento desta patria amada, corrompida pela Casa de Bragança.

E' preciso pois sustentar o futuro, sustentar a Republica Federativa, governo que nobilita o homem pela simplicidade de suas fórmulas, pela liberdade de sua constituição, pela descentralisação de sua indole, pela autonomia de seus rēgidos, pela facilidade de corrección de seus erros, pela representação dos direitos do povo, pela economia de suas necessidades, pela grandesa de sua concepção, pela *humanidade* de sua natureza.

Ahi como em todos os governos ha tambem o equilibrio das forças,—tendencia de *conservar*, tendencia de *transformar*: Ordem e Progresso. Isto porem em uma esphera tão mais livre, que o resltado das duas forças nem se póde comparar com o das mesmas forças nos paizes monarchisados.

Explica-se desse modo o assombroso desenvolvimento das nações republicanas.

Appellemos pois para a mocidade em cujo espirito o egoismo só entra por excepção; appellemos para os moços, porque as reformas de amanha são sempre filhas da mocidade de hoje.

Eduquemo-nos mutuamente para sermos uteis á nossa patria.

Possam estas minhas palavras despertar nos que me lêm ao menos a curiosidade de em bons livros averiguarem elles o que são as fórmulas de governo para os povos como objecto da Historia.

Terei ao menos lançado uma gotta d'agua no grande oceano que se prepara.

HORACIO DE CARVALHO.

Ignorancia e prejuizo

Fazer que vivam em pleno ar terreo os organismos que por sua natureza estão afecçoados ás densas camadas que lhes of-

ferece a agua; exigir inversamente que respirem nesta ultima os seres que por sua organização pulmonar são proprios da terra; querer conseguir que a planta que nasce, cresce, vergonhea e floreja no pólo venha ostentar sua vida nas calidas regiões do tropico; suppor o animal que passeia pelos gelos eternos das frigiditas paragens capaz de supportar os ardores da canicula; é cousa que não passará hoje pelo cerebro de quem tenha as mais ligeiras nocões dos conhecimentos scientificos que liberalisa-nos em profissão a idade contemporanea.

Entretanto, apesar de se haverem gruppado em logica serie taes observações sobre a phenomenologia natural, quando se trata de transplantal-as da noção material para as provincias da politica pullulam exuberantes as mais barbaras heresias.

Os nossos politiqueiros directores fazem leis não cogitando si são ou deixam de ser fructíferas, si compadecem-se ou não com as condições e circumstancias imperantes no paiz para que legislam.

Comprehender o estado de nossos costumes, estudar o nivel moral e material da patria para descobrir o X da grande equação de nossas necessidades e aspirações; são cousas nem sequer mentalisadas pelos felizes habitadores do areopago nacional.

Que lhes importa a elles que formiguem para ahi as questões complicadas, si cuidam de vel-as quando tão evidenciadas que não mais permitem negligencia?!

Perscrutar as primeiras palpações de um problema que se fecundisa, estudar-lhe o embrião e o seu relacionamento, observar as influencias que agem sobre elle e modificam-lhe a natureza ainda maleavel, pensar no modo de crear-lhe um meio prestadio ao seu crescimento e influencia; são cousas que não estão á altura de directores da politica.

Cuide o jardineiro de verificar o logar proprio para as suas plantas, e a melhor maneira de cultival-as si quizer ter um bom jardim; o politico, porem, não precisa de estudar os phenomenos brotados á superficie da politica nacional, que isso seria cousa de somenos importancia para quem tem de suas mãos o destino de um povo e a grandesa de uma nacionalidade.

Em compensação o jardineiro esquipa o seu jardim a termos de fazel-o um verdadeiro encanto de arte e de trabalho, e o politico nos dá uma patria enfraquecida, pobre, decadente, immoralizada e quasi morta;—a competencia de um faz a grandesa e o brilho de sua obra, a ignorancia de outro crea a desolação e a ruina.

Bellissimo estado, não ha duvida, para os que procuram fazer disto uma babel propicia á exploração de todos os escandalos, ao balcão de todas as infamias.

Que desça e desça bastante a dignidade da patria atascada no mais lodoso chavascal para fornecer lantos banquetes aos tinelleiros da grande mesa da fortuna publica.

A democracia levanta-se porem, e, insuflada de ardoros patriotismo, vem gritar á consciencia publica que accorde, á energia dormitante que se erga.

Nós, republicanos, somos o grito alarmante da sentinella perdida da honestidade no meio do safaro deserto da politica actual.

Que nos ouçam aquelles em que ainda vibra energica e san a fibra do patriotismo, para que possamos suspender do ataqueiro em que se engolfa o futuro do paiz em que nascemos.

Ou a Republica, que significa o reinado da moralidade e do patriotismo, ou a politica do rei com o seu hediondo monarchear de descabros e esboroamentos.

Não ha fugir: ou a grandesa que somos nós, ou a ruina que é a monarchia.

HERCULANO DE FREITAS.

FLORES EM PROSA

Rodrigo Octavio

Quando o conheci, ha 7 annos nós tinhamos 12 annos.

Adolescencia! Nessa idade, cada anno é como um pomo fresco e delicioso, que se morde com os dentes brancos e os labios rubros e sangrentos, como uma flôr. Que dentadas gulosas!

O corpo vive, canta no ar, como um puro espirito, banhado da luz fina, etherizada da aurora.

Eu volto só de joelhos a beijar o altar da minha infancia! E quando piso as pedras dos caminhos, por onde andei em creança, creio vêr levantar-se dahi, toda a ternura antiga.

Como que ficaram no espago, sob o céu azulado, as nossas canções fundidas na harmonia universal.

O Rodrigo tinha uma figura aristocratica, attractiva como uma sympathia.

Irriquieto, nervoso, vi-o, a primeira vez, a sacudir um chicotinho, como se fosse um pensamento febril. Quando conversámos, batia-lhe o coração, como numa entrevista... corria-lhe um fremito por todo o corpo.

Isto hoje caracteriza muito sua alma de artista. A pagina, que elle mais aprecia, é a pagina estremecida, como o coração, numa casta nudez de virgem. E' a pagina, onde a luz irradia, molhada da chuva.

E' um grande romantico. Tem saudades da idade media, onde elle vê, numa doce transparencia phantastica de sonho, a castellan cantando balladas ao luar.

E entra, pé ante pé, nos conventos, escuta a voz mystica dos frades, orando, na sua gloriosa angelitude.

Deus para elle é uma chimera, mas vi-o ainda com um olhar de poeta.

Diz que a oração moderna, por exemplo, deve ser a leitura de um soneto de Shakspeare, de uma poesia de Machado de Assis. Quer que não se atormente o pobre de espirito, com o relampago atroz do atheismo. Tem medo de fulminal-o.

Anda depressa, quasi correndo.

Compõe versos, dramas, romances e toca rabeça. Mas especialmente compõe versos. Elle comprehende a indizível harmonia rythmica da estrophe. Essa harmonia, que nos anima e faz corar de prazer, como se anjos de luz vibrassem a nossa alma—a grande e suave lyra.

Essa harmonia, que nos illude, abre dentro em nós um sol espiritual. Essa harmonia, que Deus escuta l...

Não vê ainda o mundo, com forte personalidade; não vive largamente na embriaguez das côres, dos sons e dos perfumes; mas comprehende a voz das cousas, contempla o mundo, calmo e sereno. Usa dos meios tons. A intensidade crua do desespero, as neverses, o assombro espectral da vida, não o consomem, não o apaixonam.

Elle ama para os seus versos, a sonaridade, a immobilidade de um céu profundo e estrellado.

O Rodrigo é trabalhador. Compõe com a facil agilidade do seu temperamento irrequieto.

Não é da familia dos Baudelaire e Flaubert—essas almas roidas pela idéa da perfeição absoluta.

As composições de Baudelaire estão presas umas as outras, fatalmente, como desenvolvimento de uma vida. Elle sondou a natureza, o desconhecido, e por um milagre de sensibilidade, foi reunindo tudo o que o traduzia, tudo o que completava a sua alma, até crear o seu mundo, como um Deus...

Não é mettido a espirituoso o Rodrigo Octavio, mas faz bons calembures.

Ha dias, alguém disse-lhe:

—Achei mais uma rima para humilde.

—Rotschild.

—E rima muito rica, accrescentou o Rodrigo.

Vive continuamente embalado de idéas e gloria esse; paraíso acena-lhe ao longe como a visão mais suave da existencia.

Doce illusão, que vives e te desenvolves, como um dom natural do homem! Sonhar-te todos os povos,—nos seus loucos e sublimes sacrificios—mas eu creio que ninguém a sonhou mais ardentemente do que o artista moderno.

Junho—S. Paulo.

EMILIANO PERNETTA.

Emilio em apuros

(A MANÇOS PINTO)

Eram 5 horas da tarde, de um sabbado, quando Emilio sahiu de casa á cata de luvas mofadas e, percorrendo o *Globo*, entrou no *Torrador*, no *Cosmopolitano*, no *Bon Marché*, na *Mascotte*, no *Pygmalion*, no *Palais Royal*, na *Notre Dame de Paris*, na *Notre Dame*

de Londres, na *Ville de Paris*, *Au Printemps* e oh! decepção, não achou as luvas que procurava.

Emilio estafado de tanto andar, massado de entrar e sair de tantas lojas, sem resultado nenhum, gastando duas horas nesta peregrinação, praguejou:

— Desgraçada cidade, commercio atrazado, lojas chinfrins em que não se encontram luvas com môfos! Isto é bom para a côrte, onde se compram luvas até por 500 réis.

— E agora o que farei! E de repente batendo na testa exclama:

— Não está tudo perdido, ainda não fui ao *Novo Mundo*.

E sem mais demora entra pelo *Novo Mundo* a dentro.

— O sr. tem luvas para homem?

— Temos sim, senhor; fresquinhas, chegadas agora mesmo pelo expresso da côrte.

— Mas, prefiro luvas baratas, um pouco estragadas não faz mal.

— Também temos. Aqui ha de tudo que o freguez desejar. O senhor sem duvida vai a algum casamento?

— Não, senhor, é uma patuscada de rapazes e não vale a pena comprar luvas caras.

— Lá isto é verdade

O dono da loja mostra as luvas pedidas e oh! felicidade das felicidades, Emilio fica servido, isto é, sai enluvado do *Novo Mundo*.

Em seguida Emilio sacca do bolso o relógio e diz:

— Sete e meia horas da noite e o casamento foi marcado para as seis horas da tarde! Não ha mais tempo a perder, apresse-me a tomar um carro, pois que os noivos já devem estar em casa de volta ao Seminario.

Elle dirige-se ao largo da Sé, toma um carro e manda tocar para a rua... Alli chegando, nova decepção o espera: os noivos ainda não tinham chegado.

Momentos depois apparecem os noivos, jogam-se flôres sobre elles. Depois dos devidos cumprimentos, parabens e abraços aos noivos, estes e os convidados tomam assento em uma opipara mesa.

Um dos convidados brinda aos noivos, desejando mil venturas, Emilio corresponde a este brinde; mas ao levar o calix a bocca, bate o seu braço no do visinho e lá se entorna o vinho de seu calix pela mesa e elle todo coufuso e vermelho qual pimentão não mais comeu e nem bebeu.

A musica dá o signal de uma valsa, todos levantam-se da mesa e tiram par; Emilio faz o mesmo; mas ao dar a primeira volta da valsa, zás traz, rola com a dama pelo chão.

Elle levanta-se envergonhado sem importar-se com a dama e, fugindo da vista de todos, vai de encontro a um rapaz e pisa-lhe os pés.

— Olá seu b... brada o rapaz, que pisadella horrível, machucou-me os callos de uma maneira atroz.

Mas Emilio sem lhe prestar attenção, correndo sempre embôcca em um quarto e sentando-se em um sophá que ali encontrou, o fez em cheio, por cima de um chapéu.

Examinando-o, viu com pesar que era o seu.

Emilio desapontado de tantos desastres retira-se para a casa.

Ao chegar, a mulher que o esperava, diz-lhe:

— Bôas horas de um homem casado vir para a casa.

— Mas você não sabe que fui ao casamento?

— Qual casamento. Você veio mas é da pandega, casamento não se acaba tão tarde.

— Senhora, attenda-me, é que houve dança.

— Que me importa isto, houvesse o diabo. Você porque não veio cedo para a casa? E' que encontrou por lá alguma sirigaita, delambida, esteve namorando-a e não se lembrou mais de casa.

— Está bem, deixe-me descansar. que eu lhe prometto não ir mais a casamento.

— Isto diz você, todos os dias entretanto não perde divertimento nenhum e eu que me amolle em ficar acordada até esta hora para lhe abrir a porta. Isto não pôde continuar assim, é uma vida dos diabos esta minha; trabalho dia e noite e qual o pago que tenho? E' ser maltratada por você. E poz-se a chorar.

— O diabo é ter eu de aturar uma mulher como você, de máu genio, que não deixa-me descansar com as suas lamentações e choradeiras. Ainda ha gente que se quer casar. Si eu advinhasse que o casamento era assim,

que ia viver em um inferno nunca me teria casado.

— Que desgraça, meu Deus!

— Desgraça foi a minha em ter-me casado com você, para estar soffrendo e penando. Um homem que só vive na rua e quando está em casa, é isto o que se vê: trata-me com desprezo. Não ha mulher mais desgraçada do que eu. E continuou a chorar.

— Ai, ai, ai, que dôr!

— Está o que você queria Mariquinhas.

— Ai, ai, ai, e lá desmaiou a Mariquinhas sobre a cama.

Emilio aproxima-se da esposa e dá-lhe a cheirar ether, ella suspirando recobra os sentidos e elle compadecido:

— Minha Mariquinhas abrande este genio, para que essas coisas? Juro-te não brigar mais comigo; de hoje em diante havemos de viver bem unidinhos.

Ella, porém toda lacrimosa responde-lhe:

— Sou muito infeliz, você já não gosta de mim.

Emilio alisando-lhe os cabellos:

— Minha mulhersinha, não digas isto, são desconfianças tuas. Tu bem sabes quanto te quero bem, que sou só teu.

Com beijos e abraços Emilio enxuga as lagrymas da mulher, depois ambos adormecem placidamente...

MARCELLINO POPPE.

EM PLENO AZUL

Resposta

Falaste-me do mar. Attentamente

Escutei-te de amor arrebatado...

— «Que ha de mais profundo que o agitado Mar que rebrame, estridulo e fremente?...»

E disseste... fitando o surprehendente

E esplendoroso páramo estrellado:

«Que ha de mais formoso que o azulado Céu que nos cobre e fulge eternamente?»

— Ouve, formosa, não eguala o fundo

E vasto oceano ao grande amor profundo

Que é de minh'alma a immaculada essencia.

E o claro azul bellissimo que adoras

Não vale pelas lagrymas, si choras

Com que vivo a sonhar toda a existencia.

S. Paulo.

ERNESTO CORREA.

Nemo contentus...

(A FABIO UCHÔA)

Quando o principe passa no espumante

Ginete, acompanhado da matilha,

Nos olhos do burguez moço, incessante

Uma lagryma brilha.

Tudo inveja que tudo acha bonito!

Si tivesse um cavallo assim fogoso,

Uns jaezes, uns cães... goso infinito!

Indescriptivel goso!

Das galas ao fulgor cego esbraveja

Contra a partilha que a fortuna fez,

Emquanto o principe, a seu turno, inveja

A sorte do burguez:

— «Preconceitos! Maldictas conveniencias!

—Burguez escolhe a noiva a seu agrado!

Mas eu que vivo nestas eminencias...

Dá-me a noiva o estado!

1886.

EDUARDO CHAVES.